

“São Paulo *Terra Adotiva*” nº 2

Boletim do 14º Encontro Nacional das Associações e Grupos de Apoio à Adoção São Paulo/SP 22-25 de Maio de 2009

Caras amigas, Caros amigos,

Vamos descobrir *São Paulo*, vamos nos aproximar do coração da maior cidade brasileira, pela sensibilidade e pelo olhar do seus poetas, dos que a cantam em prosa e verso, e que nos permitem sonha-la mais humana e solidária, verdadeiramente, *adotiva*.

Abraços fraternos,

Fernando Freire

*“E foste um difícil começo
afasto o que não conheço
e que vem de outro sonho
feliz de cidade
Aprende depressa a
chamar-te de realidade
porque és o avesso
do avesso, do avesso
do avesso....”*

Sampa, Caetano Veloso

Mão na terra, plantei a árvore

Ignácio de Loyola Brandão

Escritor

Estado de São Paulo – 06/6/2008

Para marcar o início da Semana do Meio Ambiente, o secretário Xico Graziano organizou uma série de atividades e uma delas foi das mais envolventes. Algumas pessoas ligadas à natureza, por uma razão ou outra, foram convidadas a ir ao Palácio Bandeirantes plantar uma árvore. Um ato simbólico contra destruição. Algumas eram madeira ameaçadas de extinção, como a *Myrocarpus frondosus* (desculpem-me, quero dizer a Óleo-pardo na designação corrente) que foi a que plantei. Gostei da palavra frondosus, professor Cretella. Fui o terceiro a plantar, depois do governador Serra e do embaixador Rubens Ricupero (ele foi o primeiro ministro do Meio Ambiente nomeado décadas atrás). Ali estavam as covas prontas e uma enxada e uma pá. Quiseram nos poupar, mas seria interessante ver aquela gente cavando um pouco.

Súbito, arranquei o paletó, abaixei-me e meti a mão na terra molhada e fria, fui rodeando minha muda com torrões que cheiravam forte, trazendo aquelas tardes em que meu pai limpava o quintal e abria buracos para retirar terra-adubo e levar para a horta.. Nada mais proustiano que o cheiro de terra molhada e suas evocações, como um dia de chuva num campo seco. Nada mais sensual que apanhar a terra com as mãos, vê-la grudar-se na pele, entrar nas unhas, deixando entranhado na pele um perfume de infância, de brincadeiras, de mato, barro, coisas desaparecidas. Como foi bom estar ali, de terno e gravata, e um cashmere, porque fazia frio, mas enfiando a mão e sujando-a para envolver a minha arvorezinha com cuidado.

(*) No dia **25 de Maio– Dia Nacional da Adoção** – os GAAs de todo o Brasil plantarão, no Parque do Ibirapuera, a “Arvore da Adoção”.

Vamos tietar a *paulicéia*

Luiz Ruffato

Escritor

Folha de São Paulo-28/09/2008

Das centenas de dados surgidos do seqüenciamento genético do DNA do paulistano, patrocinado por essa Folha, vou me ocupar apenas de um, tomando-o como emblema e síntese.

A maioria da população da cidade (64%) não participa de qualquer movimento social, quer dizer, não se engaja em nenhuma atividade que envolva ação coletiva.

Talvez esse índice não seja muito diferente do que poderíamos encontrar na média do restante do país, mas no caso de São Paulo o problema torna-se particularmente dramático.

A sociedade brasileira, nascida de um regime segregacionista – a dizimação dos índios, a escravização dos negros, a exploração da mão-de-obra dos imigrantes miseráveis da Europa, Japão e Oriente Médio -, perpetuou e ampliou o abismo entre ricos e pobres a partir da década de 1950, quando, por meio de imensos e caóticos deslocamentos populacionais, fomentou a vertiginosa industrialização do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Ainda hoje , boa parte dos habitantes de São Paulo tem seus laços afetivos vinculados a outras regiões (do Brasil ou do exterior). Mas,

se é traumática a imigração (quando o curso natural da história pessoal é interrompido), ainda resta o consolo, quase sempre ilusório, de um retorno à terra natal, o presente profundamente contaminado pelo passado.

Nem isso entretanto, sobra para o descendente do imigrante: não há para onde voltar, o presente flutua no presente, sem raízes. E essa crise de identidade, que perpassa todos os níveis sociais, toma uma forma particularmente perversa na classe média baixa e no proletariado, onde à sensação de não pertencimento, alia-se a falta de perspectivas de mudanças.

Decorre daí uma estranha percepção, a de que estamos precariamente acampados em São Paulo: provisórios são os edifícios, provisória a paisagem as amizades, provisória a vida..... E, acossados por uma terrível catástrofe que não conseguimos identificar, abandonamos a cidade a cada feriado prolongado, a cada período de férias, carros e ônibus em uma marcha alucinada pelo mar vermelho das estradas em busca da terra prometida de leite e mel, que está sempre além, no litoral, no interior, nas montanhas...Rejeitamos São Paulo, porque a identificamos com o trabalho, o “mal” para o qual o homem foi condenado desde o início dos tempos...

O que necessitamos, na minha opinião é reconstruir nossa visão de cidadania. Temos que aprender a amar a cidade, aceita-la como ela é, com suas qualidades e defeitos. Amar é alimentar as coisas boas e ajudar a na superação das ruins. Para isso, precisamos, antes de mais nada, mudar nossa compreensão de “bem público”. Hoje entendemos “aquilo que é de todo mundo” como “aquilo que não é de ninguém” – quando deveríamos traduzir por “aquilo que é de cada um de nós”.

Se nos dedicássemos um pouquinho a São Paulo, a nossa cidade seria melhor para todos. Deveríamos lutar para que cada bairro fosse

um núcleo urbano integral, com praças, coretos, cinemas, teatro, e que cada paulistano nativo ou *adotado* usufruísse de sua felicidade aqui e agora.

Uma vez, um motorista de táxi me disse que o irritava profundamente que os políticos só se lembravam dele de quatro em quatro anos. Eu perguntei: mas não é assim também com você? Você só se lembra deles de quatro em quatro anos. A minha utopia é transformar São Paulo de terra de ninguém para cidade de todo mundo.